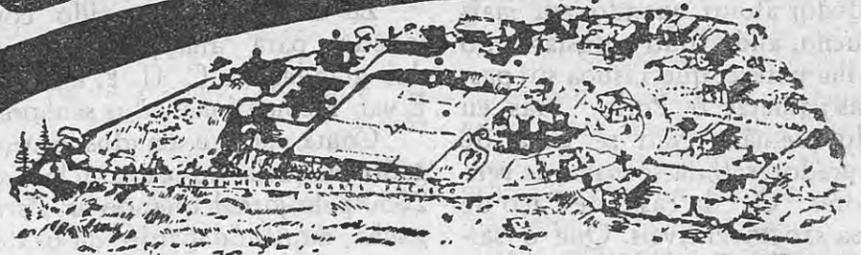




Gaiato



Visado pela
omissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 160
PREÇO 1500

AQUI, LISBOA!

Mais uma vez eu desejava mostrar um mundo melhor a aqueles que consideram perdida a sociedade actual.

Não; a humanidade não é ainda matéria falida. Até mesmo aqueles que não acreditam no espírito, se incendiam, quando alguém sopra nas cinzas, aparentemente apagadas. O que é preciso é que se erga perante eles um ideal mais alto de beleza moral, de justiça e de Caridade.

Sempre que trazemos para aqui as lágrimas dos que sofrem a escuridão dos antros e a imundície dos farrapos humanos, logo aparece alguém a chorar com os que choram, a alumiar os que jazem nas sombras da morte e a limpar com carinho as chagas purulentas de irmãos nossos. Foi um de Coimbra quem primeiro acudiu à Quinta das Comendadeiras. Com 300\$000 quer que o paraplégico tenha um colchão, e a tuberculosa, alimentação suficiente.

Pelo caminho ia pensando como é que havia de ajeitar uma enxerga no espaço de 75 centímetros que o caixote ocupava.

Ao ver-nos ao longe assediados por inúmeras pessoas que nos chamam a diferentes barracas a visitar os doentes, temendo que o muito reparar privasse os seus de auxílio tão necessário, a pobre cananeia vem ao encontro lembrar.

—Senhor, não esqueça os meus doentes.

Mas afinal quando entramos, a Providência tinha resolvido parte do problema.

—O caixote está aqui, mas que é do seu marido?

—Morreu, meu senhor! Há muito que não comia nada. Ontem apeteceu-lhe comer uma açorda. Quando eu a preparava começou a tossir; Rebentou-lhe o sangue e apagou-se de repente...

Se os Anjos, no dizer do Evangelho, levaram ao seio de Abraão, o pobre Lázaro, este, pelo muito que sofreu, também deve ter sentido as mesmas mãos carinhosas a transportá-lo ao reino dos pobres: *beati pauperes!*

Quando à outra pobre mãe, que continua a sumir-se lentamente, já fez testamento à Casa do Gaiato do seu solcito enfermeiro—o Máriinho. «A minha maior mágua, dizia ela, era deixar por aí ao bandido este filhinho... assim morro tranquila».

Aquele Mestre que ensina aos seus discípulos que «as Casas do Gaiato não resolvem coisa nenhuma» eu queria que me dissesse qual é o Centro super-paroquial que pode resolver o caso desta criança...

Tenho contado estas coisas nas igrejas de Lisboa. E' de pasmar como elas são avidamente ouvidas. E a resposta? Na igreja de N. S.ª de Fátima logo à missa das 7 um dos garotos que fazia a coleta, vem alvoroçado trazer uma aliança de ouro. «Foi uma senhora nova que ma deu, dizendo que era por alma da sua mãe que faleceu hoje».

Novo alvoroço! Nas missas seguintes mais seis jóias, ensopadas em lágrimas, caíram na bandeja. São estas lágrimas que lavam os pecados de Santos que se vendem por jóias idênticas.

Os 26 contos de Fátima e os 6 e meio dos Mártires dizem-nos que

o mundo não é matéria falida.

O dia de S. José ficou assinalado nos anais desta casa. Eu tinha dito de manhã aos Rapazes, na altura da oração matinal, que se dirigissem ao chefe da família de Nazaré, que tão solcito tinha sido em alimentar o filho de Deus, a pedir-lhe que se lembrassem também de nós, no pão de cada dia.

Quando estávamos ao almoço, entra pelo refeitório dentro uma senhora apressada, com uma carta na mão.

—V. é que é o F.

—Sim.

—Tome que lhe manda uma Senhora. Abri. Cinco notas das maiores, novinhas!

—Mas diga, diga—quem manda esta fortuna?

—Uma senhora! e sumiu-se pela porta fora. Mais roupas usadas e canetas. Dos visitantes 100\$, mais 100\$ etc. até tazer a conta de 1.465\$.

Mais uns nomes ilustres do grémio Literário com 7.900\$ e 1.300\$ dos Empregados da Vacuum. Um suino inteiro e metade doutro, tudo pronto a comer, do Alentejo.

Jóias no valor de milhares. Mil, a um Gaiato à porta da igreja de Arroios. 20 de S. O. a outro Gaiato, roupas, sobretudoos, gabardines a outros vendedores do jornal.

Os vicentinos que visitam os seus pobres exultam igualmente com o auxílio que lhes enviam: 100\$, 20\$, 50\$, etc. A Câmara Municipal de Lisboa voltou à carga com mais cinco golos, batendo todas as outras. De Cascais 100\$ e roupas e açúcar.

A África vai-se revelando também como mundo melhor. De Lourenço Marques, um caixote com escovas de dentes, pastas, botins etc. De outras terras africanas 2.600\$, mais 150\$ mais cem angolares. 317\$ dos Produtos Lácteos.

Para a tipografia, mais uma prestação para «meio carácter» e 100\$ duma criada de servir, e 2.ª prestação, e outra prestação.

Resta-nos agradecer um mundo de coisa depositadas no Montepio. Dentre elas 70\$ de uma pobremãe que envia metade do seu ordenado para os queridos gaiatos.

E aos Universitários o belo exemplo de piedade, de alegria, de carinho e generosidade, um dia inteiro que passaram entre nós—aos Antónios e Josés de Portugal pronta resposta ao nosso convite.

P. ADRIANO

Nota da Quinzena

Nunca é demais afirmar que a nossa Obra sofre naturalmente das imperfeições dadas às coisas perecíveis. O homem é por natureza um ser imperfeito. Sofre de ignorância. Sofre de doenças. Faz muitas vezes o mal que detesta e não pratica o bem que conhece e ama! Assim o homem, assim as Obras humanas. Deus permite. A graça não destroi e basta para que nem tudo seja lama.

Os nossos rapazes fazem o que podem, sim, mas muitos d'elles não encham a medida. Com alguns anos de casa, de trabalho, de costumes, permanecem vãos! Aos dezoito, aos dezanove, fogem! Andam por lá. Regressam.

Na hora em que esta escrevo, está um fora das portas da nossa aldeia. Tem estado. Estará. Não pode entrar. Este não pode entrar. São contos do nosso heroico rosário. E' preciso ter muita coragem para dizer que não.

Mas gozemos a verdade completa. Gozemos todos. Vejamos o trigo a crescer nesta ceara divina:

Em resumo da nossa conversa de ontem, venho pedir-lhe para que fique descansado, porque eu lhe prometo que farei a sua vontade, para bem da Nossa Obra.

Pai Américo fui para o emprego e tive ocasião de pensar um pouco. Eu gosto de pensar e nesse pequeno pensamento gosto de estudar as coisas que durante o dia me surgem.

Desta vez foi este o problema que me surgiu «o namoro». Sim: estudei-o e realmente confirmo o que o Pai Américo me disse; o emprego, as minhas responsabilidades e sobre tudo a idade.

Primeiro do que tudo terei que servir a Nossa Obra porque a Ela devo o nome de «Gaiato» e seguidamente ao nome, as minhas possibilidades de poder ser alguém no meio da sociedade.

Para terminar mais uma vez lhe peço para que não pense mais no assunto porque não gosto de o ver triste.

Lutarei até vencer...

Também era das ruas. Hoje é chefe de uma das nossas casas. Não ponho nem tiro nada. Não comento. A carta é tal qual.



Os nossos amigos estão dentro das nossas casas, mas ficam caros e dão muito que fazer.

Não é raro meter um cão no Morris e deixá-lo na serra de Valongo, dos muitos que por aqui aparecem. Cães vadios. Entram avenida acima. Os rapazes encham-nos de codeas. O cão faz-se amigo, naturalmente, e eu tenho de tomar aqueles expedientes, com medo de invasões caninas.

O NOSSO JORNAL

A venda em Lisboa progride. O crónista do Tojal, que foi um vendedor afoito quando era mais pequeno, anda todo entusiasmado por lhe parecer que Lisboa vai passar as palhetas ó Porto. Mas eu cuido que não. Não se trata de compradores; trata-se mas é de vendedores. Os da casa de Paço de Sousa são invencíveis. Que o sabiam os do Tojal. Na derradeira venda despacharam três mil e isto porque não levaram mais.

Presidente, que tem estado de cama, no hospital, recebeu recado de um visitante à aldeia, que também o visitou a ele. Calhou ir eu à cama do Presidente momentos depois. O rapaz fervia. Tinha a febre do entusiasmo. Aquele senhor acabara de informar o sítio duma grande casa, aonde comem muitos senhores e que se ele, Presidente, lá fôsse pouco depois do meio dia, havia de os acaçar. O rapaz ficou inteirado e sabe aonde ha-de ir mas pediu-me para não dizer nada aos companheiros, nem publicar aqui o nome da rua... Ele teme a concorrência. Não sei bem se se trata de uma Caixa muito grande, como a que descobriu o Risonho, na rua do Rosário. Seja caixa seja caixote, lá temos o Presidente na próxima venda.

Sim. Fique descansada aquela. Uma Portuense. O Tomar deu conta. Se me não engano, eram três notas de cem e uma de cinquenta. A principio não é bem assim; eles não são exactos. Eles escondem moedas nas algibeiras e nos sapatos. É o medo natural que lhes venha a faltar de comer e querem, naturalmente, estar prevenidos. Porém, apenas descobrem que tudo é deles, eles entregam tudo. Fique descansada a senhora Portuense e até, querendo, pode repetir...

Uma coisa que continua dando muito resultado são os postais. O postalzinho. Tem sido remédio santo. Postal que vai dinheirinho que vem.

Alguns do Algarve e Alentejo, fazem o preço por conta deles, e nós pagamos a resto. O Avelino já sabe. Quando aparece um vale de doze ou quinze escudos, ele diz logo; fregueses do Alentejo ou do Algarve. Vai-se a ver e são mesmo. É gente do mato, disse há tempos o Alfredo. Ora eu não digo assim. Não sou pelo Avelino nem pelo Alfredo, porquanto é tão pequenino o número desta classe de assinantes, que eu nem quero menciona-los. De resto, o nosso jornal não tem preço. Nunca fizemos preço a ninguém. Quem assina é que o faz. Que o Alfredo esteja muito caladinho.

Das colónias chovem pedidos de assinaturas. Querem ler. Querem conhecer. Querem amar. Portugal está nas colónias. Ali é o novo mundo. O velho está dividido, explorado e tem as barbas

empenhadas. Nós devíamos ir todos para Angola e para Moçambique.

Zé d'Arouca tem sido convidado para almoçar com um dos grandes da C. U. F. e aceita. E vai. E come á mesa dos senhores!

Conta ele que um dos empregados daquela mesma casa lhe dá 2\$50 pelo jornal quando o Porto ganha, e quando perde, dá os dez tostões da tabela.

Eu sempre cuidei que o valor do jornal estava no jornal mas não. Enganei-me. É nas bolas. A bola é moeda.

Outra coisa em que Zé d'Arouca anda interessado, é o ter entrada numa casa muito grande, na Picaria, onde trabalham, segundo ele, mais de 400 senhores. Será uma Caixa? Não sei. O que eu sei é que ele, o Zé d'Arouca, muito deseja lá entrar. Ele já tentou, mas disse-me que saiu lá de dentro um senhor muito bravo e que o mandou embora.

Veja se o amansa; dê-lhe graxa. Assim terminava Zé d'Arouca. Mas como posso eu dar graxa a quem não conheço...? Nem sei aonde fica a tal casa, nem do que lá se trata; como posso? Que lha dê o Zé d'Arouca. Ninguém como as crianças para dar graxa.

Elas é que sabem.

Boas Notícias

UMA é de Lisboa, a bem da Casa do Gaiato de Lisboa. A Bola fala no caso. É uma disputa entre Sporting e Benfica da qual se esperam coroas, que não pancada. Acho bem. Disse ao Padre Adriano que sim. Toda a festa que não seja contra a decência cristã, pode ser realizada a favor das nossas casas. São festas nossas. Nós somos uma Obra cristã.

E festas de clubes da bola, isso então é que é! Ontem, ia havendo pancada aqui na aldeia por causa do Portugal-Espanha. À noite, depois da ceia, o refectório dos grandes fazia lume... Carlos Inácio, que estava em férias, sobe acima de um banco e declara que se tivessem passado a bola ó Caiado, quem ganhava era Portugal. Eu oiço e fico neutro. Não conheço clubes nem jogadores.

Pois que seja a bem toda a disputa em curso e que a cidade de Lisboa mantenha a Casa do Gaiato de Lisboa

No Porto, vai-se repetir a jornada do ano passado, na queima das fitas deste; só com uma pequena e interessante modalidade, a saber: as pastas são impressas e feitas na nossa tipografia. Zé da Lenha e Jacinto estão dando à peanha.

São sessenta deles, pela mão de outros tantos estudantes. O mundo precisa aprender o verdadeiro caminho e andar sempre de mãos dadas. Não há outro. O Mestre ensinou assim e Ele é o Caminho. Também vão sessenta sacas...

Notícias da Casa de Miranda

1 Estamos a entrar brevemente na Páscoa.

Alguns dos nossos rapazes já andam a falar nas amendoas, não é só nas amendoas, é também outra coisa muito fácil. Sabem o que é? É o seguinte: não temos meias para calçar com os sapatos, nem lenços para nos assoarmos. No Natal a senhora da rouparia deu um par de meias a cada um dos que não ganham. Daí até hoje ainda não tivemos mais nenhuma. Alguns chegam a andar com um par de meias quase um mês sem ter nenhuma para mudar de novo. Sabem porque acontece isto? É a falta de dinheiro e por isso pedimos aos nossos Excelentíssimos leitores se faziam o favor de nos mandar meias, e se for possível também alguns lenços. Parece que se andam a esquecer desta casa, lembrem-se que ela foia magnífica fundadora das outras todas.

2 Já começamos a nossa lavoura. Pedimos uma vaca emprestada ao pai do nosso professor que sem hesitar no-la emprestou.

Começamos a lavar a terra que fica ao pé do campo de futebol e qualquer dia começaremos a lavar as terras que ficam ao fundo da quinta, que ainda estão semeadas de erva para as ovelhas e para o restante gado principalmente para o boi. Nós agora precisamos dum boi ou vaca porque estamos no tempo das sementeiras e ele não a pode emprestar sempre, porque também precisa dela.

3 Estão a concluir-se a padaria, o forno e as casas de arrumação que já vão um pouco adiantadas principalmente o forno e a padaria. Já vieram as portas do forno; são muito grandes e ao mesmo tempo muito boas.

Também já vieram os tijólos duma fábrica próximo da nossa casa cujo dono é o Ti Zé da Laura.

4 Temos cá dois cães, que são o Nero e o Piloto. Ambos foram dados. O Nero foi um homem que mora próximo da nossa casa, e o Piloto foi um barbeiro de Miranda do Corvo que nos ofereceu. Quando vieram para cá andavam soltos mas depois o Sr. Padre Luís resolveu prendê-los porque estragavam os canteiros e davam muito prejuizo. Vamos ao que interessa. Quem trata deles é o Fraga.

Há dias quando ia deitar comer aos cães viu que o Nero ainda tinha comer e disse para ele:—Ai sim, ainda tens comer do que eu te deitei de manhã. Pois olha, castigo-te até à merenda sem comer. E depois muito contente foi dizer ao Sr. Padre Luís:—eu sou bestial para castigar cães.

5 Aqui a venda do famoso está a correr muito mal porque deixamos de ir à Figueira da Foz e a Coimbra, porque já lá está outra casa, e por isso só podemos vender na Lousã e em Miranda do Corvo e vendem-se poucos. Esta última vez venderam-se 75 jornais nas duas vilas, e isto não dá para nada. Na quinzena anterior foram quatro gaiatos daqui vender o famoso a Coimbra. Foram eles: o João que vendeu 30 e o Vitor vendeu 26 e os restantes um 9 e outro 26.

Não foi para esta casa que eles foram vender, foi para a de Coimbra, que também foram rapazes de lá vender.

JOSÉ MARIA SARAIVA

Notícias de Lisboa

PRODUTOS—Até que enfim que vemos os produtos da nossa quinta a dar para as despesas que já nela fizemos! As laranjas venderam pouco mais ou menos que o ano passado. 7.500\$00, fora as que nós comemos. Desde Novembro até Março, comemos laranjas quase todos os dias às merendas. Só estas valiam mais de dez contos!

As laranjeiras já estão novamente cheias de flores, que encantam os visitantes e os visitados. Quem quiser apreciar as sornas e o perfume delus, é fazer-nos uma visita.

O trigo que nós semeamos está também muito lindo, visto de longe parece a relva do Estádio Nacional. O ano passado tivemos 25 sacos, mas este ano com metade das sementes havemos de ter o dobro, se se não estragar.

Como a riqueza desta terra são as «cibola» como dizem os nossos camponeses, semeamos um grande cebolório, que também está muito lindo; contamos ter uns dez contos delas.

OBRAS—O forno já está pronto. É isto o que mais nos interessa para fazermos o pão nosso de cada dia. Vai-se inaugurar brevemente. As obras do Casal Agrícola recomencaram novamente. Sem falta alguma, tem que ficar pronto este ano, para mais 40 ou 50 rapazes.

Um dos nossos amigos de Lisboa vendo que as obras estavam paradas por falta de verba, resolveu aproveitar a rivalidade do SPORTING e do BENFICA para ver se conseguia algum dinheiro. Este Senhor comprou uma taça para ser disputada entre os socios e entusiastas dos ditos Clubes. Se as coisas forem á vontade como ele quiere, os Senhores hão-de ver nos jornais como é que se metem os GOLOS.

VISITANTES—Convidamos varios grupos onomásticos a visitarnos, e os primeiros a aparecer foram os Antónios. Vieram cá no Domingo. Ficaram entusiasmados com a obra. Os Antónios fizeram entre si uma colectazinha que nós agradecemos.

Vieram cá também 50 Universitários. Com alguns Assinantes. Fizemos um desafio no qual ganhámos por 8-4. Eram os lentes que estavam á rede, por isso não se lançavam ao chão.

Têm vindo alunos do Liceu Gil Vicente e doutras escolas. Até agora ainda não fomos derrotados nos jogos que tivemos com eles.

PEDRO JOÃO DE SA



N. B. Os senhores não se esqueçam de notar bem e comparecer no campo da bola, Espinho, no próximo dia 23. Vai ser um segundo Portugal-Espanha. A nossa linha anda-se preparando; ele treinos, ele prelecções, ele escolhas entre os melhores, ele tudo. O pior é se no fim, —ele nada!

Pobres

Eu não me canso de recomendar aos meus Padres que, se ainda não têm, peçam a Deus o jeito, a queda, o dom de visitar os Pobres. Que tenham dôr; que sejam por eles. Que jamais os troquem por outras riquezas, que eles, os pobres, são a verdadeira riqueza da nossa obra. Muitos Profetas quiseram ver Jesus e morreram sem o ter visto. Nós somos mais do que profetas. Nós podemos ver Jesus. Nós podemos curar as feridas, podemos dar pão, podemos vestir, podemos consolar; podemos ouvir a história dos trabalhos de Jesus e sofrer com Ele. Podemos sim senhor. Temos os pobres no mundo!

Neste espírito, fui eu por aí acima a casa dum pobre e levei o Moléstia na minha companhia munido dos precisos para dar uma injeção. Era de tarde. Flôres e margaridas do campo, orlam o caminho. Levamos açúcar dentro duma saqueta. Pastam ovelhas e vacas à solta. Ouvem-se os primeiros gorjeios da Primavera.

Topamos uma velhinha vestida de alegria, que nos declarou na sua linguagem pitoresca ter 99 anos de idade: *pró cento minga um*. Ela é um reportório. Tivesse eu tempo e podia escutar um século de história do povo d'estas redondezas. O pequeno que eu levava estava ali ao pé de mim. A velhinha implora; pede que eu seja todo por todas as crianças sem pai. Com 99 anos feitos, esta mulher do povo tem alma juvenil. Saídos que fomos da beira dela e antes de entrar na casa da nossa doente, passamos por outro lugar, a ver se haviam recebido dois feixes de lenha, que a alguém tinham sido enviados. Receberam sim senhor. Estavam ali à minha vista. Era outra velhinha vestida de alegria. Que os lavradores vão dar os montes à guarda, diz ela, e por isso mal lhes vai. *Que havemos nós de queimar?* Qualquer um esperaria um protesto dos lábios

desta mulher; outros por bem menos revoltam-se. Ela não. *Eles têm razão. Os lavradores têm razão. O povo vai e corta pelo pé. O povo não sabe que tem de restituir. Corta-se uma árvore, ela deixa de dar frutos ó seu dono e tudo isto é uma restituição.* E prégou e prégou, e prégou.

Outra alma juvenil. Mais uma herdeira do céu. Esta mulher do povo nunca desperdiçou o Sacrifício do Filho de Deus.

Caía a tarde quando entramos na casa da doente.

Tudo ali são dôres. Dor de quem fala, dor de quem escuta. A dor é mestra. Ai dos homens que nunca sofreram! Estivemos ali por algum tempo tendo regressado a casa pelo caminho mais perto, com medo da noite. A Casa do Caiato. A aldeia dos rapazes. A irradiação quase universal da sua luz, vem destas visitas aos pobres!

E também fui ao Barredo. O pequenito que pedia o seu café, como disse na última quinzena, encontrei-o desta vez na cozinha a tomá-lo ao pé da avó. Entrei na alcôva da doente. Alguém tinha ali levado um pequenino colchão; já o filho não dorme juntamente com a mãe. A doente esperava. Espera que Deus lhe venha fechar os olhos. Enquanto me despeço, a mãe dela declara que a sua filha começara naquela manhã a dizer que me esperava; que não sei que lhe dizia da minha presença. Eu sei o que era; a necessidade. A sua grande penúria. Ela queria comer alguma coisinha. Quando nós precisamos, estamos sempre a olhar para a porta... Daí a nada estava nos Clérigos. Enquanto espero um amigo, sai um senhor duma loja e entrega-me dinheiro. Fui a ver e era o *cento por um* do Evangelho. Entrei dentro da loja e preguei. Preguei com factos. Estava ali o dinheiro. Tinha vindo de dar outro. As provas eram reais. Os homens acreditaram.

Do que nós necessitamos

Se não fosse o medo que eu tenho de que o povo de Sangalhos me tome à conta de um sarna, um grande sarna; se não fosse, digo, havia de pedir aqui uma bicicleta. Quanto digo povo de Sangalhos, signífico naturalmente os assinantes; e entre estes, quero-me referir aos industriais daqueles preciosos veículos. Nós estamos realmente precisados de uma máquina de duas rodas para o chefe de Paço de Sousa. Vamos a ver. Mais do Porto cinco casacos de borracha. Mais um feto de Vizeu. Mais uma pancadaria de caixas de figos que todos os anos nos vem aqui trazer um José no dia de S. José. Mais do Estoril 250\$. escudos. Mais de Lourenço Marques um cheque de mil ditos. São para a Pascoa dos rapazes, como vem a dizer na carta. Pascoa feliz vão eles ter. Também nos chegou de Lourenço Marques um pacote de guloseimas e mais um dito de ditos e mais calçado. Lourenço Marques está-se aproximando da Casa do Gaiato. Mais uma remessa de azeite de ao pé de Vizeu. Mais, retirado do Espelho da Moda, um mundo de coisas. E' ali aonde grande numero de assinantes se vão desobrigar e no acto, deixam, por devoção, as suas ofertas. A nossa obra é santuário. Santuário

de almas. Os senhores não se esqueçam do nosso pedido instante e constante de fatos. Eu vejo estes rapazes a crescer todos os dias e tenho medo de não os poder cobrir decentemente. Eles não me largam e eu tenho de fazer aqui o mesmo. Mais uma caixa com obra de cinco quilos de amendoas. Zé Eduardo, que está aqui em férias, já deu com elas... mas eu obriguei-o a repor. A Casa José Ferreira Botelho, fica na rua do Mousinho, mas não tem portas para a rua. E' preciso subir ao primeiro andar. E' casa que se procura; Firma que não vem à procura de nós. Se antes era conhecida, muito mais o será agora, depois de eu dizer aqui que, tendo nós comprado quatro toneladas de batata americana, chegou agora a fatura no montante de 4.677\$75, mas sem valor comercial. Está paga! Não é o dinheiro; são as batatas. Batatas.

O senhor Botelho só poderia medir o alcance da obra que acaba de fazer, se visse aqui a nossa aldeia à hora do meio dia e percorresse o refeitório dos pequenos e o refeitório dos médios e o refeitório dos grandes e visse com os seus próprios olhos como se comem batatas. Só desta forma poderia colher o doce fruto da sua bela acção. Mais calçado do Porto. Mais rou-

Notícias de Coimbra

1 De tudo o que nos dão no meu emprego: 50\$00 dentro dum envelope que não quizeram dizer o nome.

—100\$00 duma Professora da sua primeira gratificação, da sua segunda diceternidade.

—Agora é uma assinatura da Escola Sagrado Coração de Jesus, Calhabé—Coimbra. Com 50\$00.

—Mais duas prestações de 20\$00 cada as duas da mesma Senhora.

—O Senhor Dr. Antero: já me trouxe a pasta.

—Mais um Snr. do Calhabé que telefona para o meu emprego para ir a casa dele; trouxe uma boa gabardine, uma pasta, revistas, e mandou pagar a sua assinatura e deu 50\$00 para a pagar. Não quis que dissesse nome. Agora é uma Snr.ª que vai ao meu emprego para ir a casa dela. Fui já de noite e trouxe um feto, dois pares de sapatos, e dentro de um envelope 100\$00 para pagar a sua assinatura e o resto para ajuda da tipografia. Mais 30\$00 duma Senhora que manda a criada pagar a assinatura e 20\$00 para a tipografia, é de Montarroio n.º 77.

Agradecemos a vinda dos senhores ao meu emprego que é na rua—Freireira Borges, 123.

2 Já temos mais 20 galinhas holandesas.

Ficaram caras; mas também nos havemos de consolar com os ovos delas. A nossa ambição é arranjar-mos criação.

—Aqui temos todas as espécies de aves: no entanto tenho a dizer aos amigos leitores que temos as nossas gaiolas vazias, por motivo de morrerem os canários que nelas habitavam.

3 Á dias recebi no meu emprego uma carta, que dentro tinha um postal ilustrado que vinha a dar-me uma boa chegada; e ao mesmo tempo fazia rir, tanto pelos macaquicos dos bonecos, mas os versos ainda faziam mais rir; e do Snr. de quem vinha a carta? isso é que metia graça por já ser assim tão velho, e ainda compor versos tão bem. Pois bem a carta era dum Português que está no Brasil em S. Paulo, tem 70 anos e é natural de Vila Nova de Poiares.—Agradeço tudo e o conselho gratis que me deu.

4 O Alfredo Serra trabalha na garagem "Pedros Irmãos L.da." Como tem vontade de aprender mecânica, pede aos amigos leitores automobilistas para lhe arranjar um livro da «mecânica.» Ele diz que espera que os amigos leitores se lembrem dele.

5 Desta vez a Venda foi a seguinte: Ratinho 28 jornais. Machado 9. Nelas 18. Bucha 50. Figueiredo 44. João 21 e Carequita 36. Num total de 222 Gaiatos. Tiveram alguns acréscimos, que somaram 75\$70. Juntando faz o rendimento de 297\$70.

ERNESTO PINTO

pas. Mais escovas de dentes.

Mais o primeiro ordenado de uma assistente social—mil escudos e quê. O primeiro e todo!

Mais dez quilos de açúcar de Lourenço Marques. Ele saiu de lá docinho, sim, mas aqui no Porto, a alfandega dos corteios, como o Abel diz, botou-lhe sal...

A NOSSA TIPOGRAFIA

E um recado do Monte Pio de Lisboa, a dizer que tinham ali estado duas senhoras, de porte tão modesto, que todos se admiraram do que elas fizeram: cada uma, dez contos para a tipografia. Se não de sangue, são irmãs gémeas de pensamento. Que alegria não espalham estas Desconhecidas no espírito dos milhares e milhares de assinantes e leitores de cabo a rabo, —quanta alegria!

E meia dose de S. Amaro de Oeiras. E a segunda prestação de 100\$00 de Curvaceiras. E um visitante da Mealhada. E o Prior de Alcoentre. E meia dose. E a segunda prestação de Tortozendo. E um de Portimão a valer por dois. E da Sobreira. E um de E'vora a valer por dois. E Freixêdas. E Chaves. E Lobito. E uma subscrição de Angola a valer por quatro. E uma dita de Sá da Bandeira a valer por dez. Pelo que se vê, a procissão anda muito falada por aquelas terras. E o Porto. E Torres Vedras. E o assinante 5289. E a Maria Luisa manda o seu filhinho com sete meses de idade; não há-de faltar quem pegue nele ao colo, que esta coluna é de amor. E meia ração de Coimbra. E um de Lousada, contente por ainda apanhar a procissão no caminho. E um benfiquista que quer ir na procissão; ele é de Lisboa. Pois venha, meu caro amigo, mas, por Deus, não traga outros de outros clubes. Seria o desfazer. Eu sei como as coisas se passam cá por casa, por via dos clubes... E meia dose das Caldas da Rainha. E a primeira prestação de uma família cristã. E o seminário de Coimbra. E Lisboa com um «empurrãozinho» de 200\$00. E Casaldelo. E Castelo de Paiva com metade. E um do Porto na marca, que lamenta chegar ainda a tempo de se incorporar. E Braga com metade. E Covas do Douro. E Lisboa com metade. E o Porto com 150\$00. E uma Figueirense. E uns noivos de Lisboa. O Risonho entregou 50\$00 duma assinante do Porto. E o mesmo entregou 20\$00. E uma libra na rua das Flores. Cuidei que já não vinham mais, e fiquei gratamente surpreendido.

Ora vamos a contas.

Antes	305.200\$00
Hoje	24.300\$00
	329.500\$00

Faltam pouco mais de cem contos. A procissão ainda não parou. Não tem esperado por ninguém. Os devotos é que vão ao seu encontro.

UM PRINCIPIO E UMA OBRA

No último artigo referi-me substancialmente ao lema da Obra da Rua. Desenvolvendo o que o meu fatimo sente e compreende, por vezes talvez, imperfeitamente, mas é o que ele reconhece. O modo de interpretar é diferente humanamente. Nem todos o fazem da mesma forma. Uns numa maneira, outros doutra. Somos naturalmente assim. Deus além de nos criar à sua imagem e semelhança, criou-nos livres. Decidindo-nos entre o bem e o mal.

Infeliz daquele que é mais dirigido, e não se guia mais propriamente. Esse é um insatisfeito interiormente. Nada o liberta, nem as alegrias do mundo. Tudo é pesado. Só vê o que o atormenta. Libertando-se dele, sente-se num estado psicológico diferente. Porque assim é, a nossa Obra é uma oportunidade.

Sou um entusiasta vibrante dos nossos princípios, a quem devo tudo.

A Obra é uma árvore repleta de rebentos, onde uns germinam e outros se extinguem secando, caindo como as folhas nos dias outonais. A massa é muito heterogénea, aliás em grandes comunidades, como as nossas. Somos diferentes humanamente e isto é uma prova. Uns compreendem, outros não. Uns notam pelo bom senso, que a seiva que dela recebem, lhes tem sido útil; outros, felizmente poucos, não seguem o mesmo caminho. Duas forças antagónicas. Mas, nunca é de mais frizar, que a Obra não é de um e para um, é de todos para todos. Se um falham outros virão em sua substituição. Somos muitos.

No Lar do Porto, irmãos, governam-se irmãmente. Mas eis que lá, como no mar, de vez em quando desencadeia-se o temporal; o das pequenas fraquezas. As nossas, a da própria idade. Essas mesmas, são remediadas pelo chefe que as terá certamente, mas sofrendo-as e banindo-as, de acordo com as suas forças. É um rapaz em idade, mas que transita de

moço, para adulto. Ele possui uma coroa de espinhos que o massacra, o aflige moralmente. Cargo espinhoso, numa cidade. As ruas de ontem, hoje a pisam.

Há dias, numa das minhas passagens por lá, converso fraternalmente com o que faz de irmão mais velho. Via nele qualquer coisa de anormal. Qualquer coisa que o atormentava. E a mim também. Escolhos do caminho. Um incompreensãozinha, que fortalecem e não fazer succumbir. A idade ao de cima. Entretanto, ele desata e conta. Conta o seu rosário, a sua máguia. Tudo se resolve. Tudo neste mundo se pode resolver desde que se não vá contra a natureza das coisas. Isso não.

Ele age por si e fala. Diz e faz-se compreender e a comunidade escuta. Todos acatam. Todos ouvem e guardam e se compenetraram das responsabilidades da nossa vida caseira e familiar. Em volta dele, todos sem excepção, se têm de unir. E estão unidos. Até os mais reversos alcançam. Ele pronuncia-se da maneira mais acessível. A voz de um da mesma igualha. Que novidade em casas destas! Um a dizer o que é. Onde se viu disto? Na obra, dos que eram ontem menos considerados pela sociedade. Observando-se, praticamente, que havendo possibilidades, todos os indivíduos podem ser alguém, neste mar de lágrimas... Levantem-se da suposta mediocridade, aos olhos do mundo. Quantos ontem, simples obscuros, hoje relíquias da sociedade? Quantos? Estes é que são os vitoriosos. Os que combatem as incertezas.

A Obra da Rua por ser assim, é uma mão que levanta e eleva os desconhecidos sem paradeiro, e lhes dá o que a sociedade raramente lhes oferece; uma ocasião de triunfo.

JÚLIO MENDES

Notícias do Lar do Porto

A nossa Conferência

1 Como há bastante tempo não damos notícias dos nossos pobres, vimos hoje dá-las falando dalguns deles.

Na reunião de Janeiro foi resolvida que entrassem para a nossa Conferência mais dois pobres. São eles: Um de S. Víctor e outro de Paranhos. Este último visitamo-lo, há pouco tempo pela primeira vez.

Na sua casa encontramos o seguinte: 4 colchões no chão, a servir de leito, em muito mau estado. A roupa de cama era só farrapos. A louça, pouca ou nenhuma. Vidros nas janelas, não existiam.

A pobre é uma mulher com 6 filhos. Um deles tuberculoso, dormia juntamente com seu irmão mais velho. Este tem 18 anos. É o que ganha para sustentar aquela numerosa família. Ele auferia 600\$00 escudos por mês e entrega-o totalmente à mãe, para bastar o Lar. Ela anda aos dias e pouco ganha. Hoje trabalha, amanhã não; é assim a vida d'ela. É uma família

muito pobre. Se não fosse este rapaz, que muitas vezes vai para o trabalho sem comer, por a mãe não o ter para lhe dar, que seria desta família? Pois o rapaz poderia fazer como tantos outros; abandonava a família; pois, para ele 600\$00 escudos, dariam muito bem para viver. E' de louvá-lo e Deus queira que continue sempre, como até aqui, amparando a sua família. Na Conferência, foi resolvido dar a este pobre, 3 colchões grandes e um pequeno. Juntamente com isto algumas roupas para as camas. O colchão pequeno foi atribuído ao tuberculoso, para dormir separado de seu irmão mais velho.

Para terminar pedimos aos nossos queridos leitores que não se esqueçam do foliar para os nossos pobres.

O Secretário
CARLOS VELOSO

2 **Atenção.** Espinho. E' no dia 23 de Abril que a equipa de futebol do Lar do Porto, aí se desloca para deffrontar o Sporting de Espinho (juniores). Que ninguém falte, porque o Pai Américo também estará presente.

CARLOS GONÇALVES

ISTO É A CASA DO GAIATO

Sr. Padre Américo venho então por esta carta, como o Pai Américo me disse, contar-lhe o que penso sobre o meu comportamento.

Sr. Padre Américo, o meu comportamento que eu tenho, é refilar o chefe e os rapazes mais velhos, como mais novos.

É este o meu maior defeito, que me indicam, e eu concordo com isso: por que de facto reconheço que é como dizem.

Para já peço perdão ao Pai Américo, e aos meus companheiros.

E daqui para o futuro procurarei emendar-me deste horrível defeito, que só me prejudicará a minha vida futura. Peço-lhe perdão mais uma vez, deste meu mau feito.

Eu bem sei, que para ficar, e estar nesta casa Lar do Porto, é preciso ter juízo, que eu daqui para o futuro procurarei tê-lo, como lhe digo em cima: E agora para terminar a carta peço-lhe que aceite a benção, deste seu filho, que daqui para o futuro procura ser bom.

A carta é do antigo Zé da Cozinha, o retilão encartado das nossas comunidades. Ele tem estado em quase todas as casas, e nunca perdeu a carta. Actualmente trabalha no Porto e, o patão já teve ocasião de o conhecer... Mas, por ser bom, têm-lhe perdoado. Ainda o não despediu. O chefe do Lar anda em cima d'ele. Vai muitas vezes conferenciar com os seus Superiores. Para ser ás avesas de tudo e de todos, é ele quem me dá a benção: Aceite a benção d'este seu filho! Ora vejam os senhores com que gente eu ando metido!

LINHO à terra. Graças á Empresa Fabril do Norte, vamos semear noventa quilos de linhaça. Linho à terra. A Casa do Gaiato não seria uma Obra Portuguesa, se nas nossas aldeias, particularmente nesta de Paço de Sousa, os rapazes não tivessem ocasião de ver como da erva que nasce dos campos se faz o linho dos teares; nem feliz oportunidade de se vestirem com este pano caseiro. Sim. Muito embora em Portugal, não seria portuguesa a Obra da Rua. Linho à terra.

Mas há outras razões de o semear. São as mulheres. As mulheres antigas que amam a vida fiando. Já veio uma comissão delas ter comigo: *senhor fulano, semeie linho.* O senhor fulano sou eu.

Esta classe de mulheres das nossas aldeias, são de classe. Elas são as fieis depositárias das virtudes cristãs. São a tradição. Resistem ao chamado progresso. Dão-nos o supremo sentido da vida.

Elas fiam pela paga. Esta paga não é dinheiro; é uma permuta humana, interessante, cheia de beleza. Por cada medida, dá-se-lhes meia raza de milho e a merenda. Merenda! Oxalá este nome português seja desenterrado do lanche e tratado, estimado e posto de novo a viver; oxalá! O uso daquelas merendas, manda dar um covilhete de feijões, um bocadinho de adubo e um cabo de cebolas.

Troca. Permuta. Nós damos do que a terra cria e elas dão-nos do seu trabalho. Aqui não conta o dinheiro. Não tem poder. Não corrompe...!

Quem nos visitar em Maio, pergunte aos cicerones aonde fica, e não se esqueçam de ir ver o nosso linho em flor.

A campanha. A campanha da nossa capela. Ontem, à hora do terço, entrava eu na capela e noto dois rapazes em correria e a discutir; *hoje sou eu.* Quis saber. Era a campanha. Quem primeiro chega toma o instrumento, coloca-o ao pé de si e quando o Faisca enuncia os mistérios, aí vai a campanha. O toque da campanha; Resultado; discussões. Barulho. O badal salta. O ferreiro ajeita. Isto é a Casa do Gaiato.

Já assim é com a sineta da capela. Tem a linda torre sineira. Temos o lindo timbre da sineta. Mas quê—não há nada que resista. Arames, correntes, cordas—nada resiste!

Peço ós senhores leitores não digam nada a ninguém de isto que por cá se passa. Seria o nosso descrédito.



A sineira da capela, aonde ficaria bem a corda dosino, mas quê,— nada resiste! É a sineta do refeitório que chama todos para tudo; despertar, comer, escola, recreio, trabalho, banho—tudo. O Botas é o que mais e melhor toca.